

AS ABERTURAS

Rochele Cristine Bagatini (PUCRS)¹

Eu tinha dez anos quando meus pais compraram o apartamento. Somavam onze de casamento. Minha mãe, nesses anos, montou uma pasta onde colocava recortes de revistas sobre decoração, era um sonho antigo. Ao contrário do que muitas vezes acontece, foi entregue no prazo. Meus pais começaram a montar o recheio, sempre de acordo com o gosto de minha mãe, que tinha fortes tendências ao branco e ao dourado, talvez porque combinasse com sua coleção de anjinhos barrocos de porcelana. Para que tudo pudesse ser feito ao gosto dela, meu pai fazia diversos orçamentos e frequentava lojas de usados. Foi numa dessas que encontrou uma porta branca, com frisos e maçaneta douradas, muito parecida com um dos seus recortes. A mãe foi vê-la e se apaixonou de tal forma que tiveram que levá-la amarrada ao teto do carro, para desespero do meu pai.

O apartamento era térreo, como ela queria, as alturas lhe deixavam tonta. Eu nem sei se hoje em dia ainda constroem apartamentos térreos. O primeiro à direita para quem passava pelo corredor de entrada do prédio. Da porta principal se via boa parte do imóvel. Em primeiro plano havia uma mesa de jantar para seis pessoas, atrás ficava a cozinha americana, e logo mais a esquerda, a sala de estar com um tapete de gobelin pendurado na parede, o que dava a estranha impressão de que o chão se estendia. Um dos cantos escorava uma cristaleira rústica, repleta dos anjinhos. A porta da entrada ficou realmente bonita depois que o pai mandou restaurá-la e dar brilho aos detalhes dourados. Era uma presença! Estavam tão felizes que engravidaram nesse período e meu pai tirou várias fotos da mãe com a porta ao fundo.

Um dia receberam da administradora do prédio uma carta sobre a necessidade de trocarem a porta pois havia um padrão de aberturas para os dezesseis apartamentos, e isso estava claro na convenção do condomínio. Minha mãe achou como solução esconder a carta. Dois meses depois meu pai entrou em casa com outra carta em mãos já com uma previsão de multa caso não trocassem a porta no prazo de quinze dias. Isso o deixou bastante irritado, não sei se pelo alto valor ou pela omissão

¹ Graduada em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda, UFRGS. Mestranda da Escrita Criativa, Escola de Humanidades, Letras, PUCRS. E-mail: rochelebe@gmail.com.

da primeira carta. Estava bravo, o que era raro. Ela prometeu que resolveria a questão.

Ao cabo dos quinze dias minha mãe me chamou para ajudá-la na tarefa. Empunhava numa das mãos uma chave de fenda. Eu ajudei a manter a porta em pé enquanto ela tirava todos os parafusos das dobradiças. Com um pouco de esforço conseguimos retirá-la, e a escoramos ao lado da televisão, num local nobre da sala, junto ao tapete da parede.

Quando papai chegou em casa estranhou a porta aberta. Olhou-me curioso, enquanto ela não parou de olhar a televisão.

“Bonito esse quadro novo, meninas”, disse ele, ainda com humor.

“Vamos ficar sem porta! Se não podemos ter a porta que queremos, não teremos nenhuma. A convenção diz apenas que a porta deve ser igual as outras, não havendo porta não há comparação, portanto, não há multa!”, disse minha mãe, com os pés inchados pousados na mesinha de centro e com as mãos sobre o barrigão.

Naquela mesma noite ela começou a sentir as dores do parto e na madrugada pariu meu irmão. Parto natural. No outro dia já estava de volta para a casa sem porta. Eu não lembro bem como foi essa função, porque meus avós estavam junto, e a casa não ficou abandonada. A casa nunca era abandonada por minha mãe.

Meu mano já nasceu sem a porta de privacidade. Para a geração dele era natural essa exposição. Todos que passavam davam alguma espiada, nem que fosse apenas uma piscada de olho, um sinal de positivo. Faziam muitos comentários: que garoto mais lindo; como ele é grande; como você está em forma; ele é a sua cara; a cara da mana; que bela família... E muitos, muitos corações as mãos faziam lá da porta. Não tinha quem passasse que não olhasse. Vizinhos, amigos, amigos de amigos, amigos de vizinhos, conhecidos.

Minha mãe trocou os móveis de lugar para que da porta se enxergasse bem o que ela fazia. Passou a usar maquiagem e a se arrumar logo que acordava. Nunca teve tanta atenção na vida. Foi uma época estranha para mim, eu fiquei um pouco perdida, me trancava no quarto negando de alguma forma tanta invasão. O pai parecia que não dava bola, mas comecei a perceber que ele também não ficava mais muito em casa, talvez porque a mãe exigisse que ele estivesse sempre ajeitado e feliz, caso alguém passasse pela porta. Talvez ele saísse de casa pelo mesmo motivo que eu me trancava no quarto, a gente queria ser um pouco infeliz, mas a mãe não deixava. Nos almoços e jantares ela organizava a mesa numa meia lua da esquerda para a direita: o pai na ponta, eu, depois o mano na sua pequenina cadeira, e ela na outra ponta. Da porta se percebia toda lateral da mesa aberta, arrumada à perfeição. Jantávamos felizes, ela introduzia assuntos, falávamos de tudo, lavávamos a louça. Ríamos alto. Mas quando entrávamos para os quartos a mãe se calava, exausta.

O mano era quem lidava melhor com a porta aberta, toda vida ali exposto. Para mim e para o pai a perda da privacidade nos perturbava, e eu já fazia planos de ir estudar em outro lugar no mundo onde pudesse ser de qualquer jeito.

É verdade que com o passar dos anos as pessoas passavam menos na nossa entrada, não tinha nada de novo, estranho ou pitoresco. Ainda assim, a mãe dedicava-se com o mesmo empenho em arrumar-se, maquiagem-se, pôr a mesa, encontrar novos assuntos. Não importava se às vezes passasse apenas uma pessoa a abanar de longe. Com o esmero todo voltado à abertura, a mãe esqueceu-se da gente.

Uma vez o mano foi encontrado na casa do vizinho, outra ainda, na loja ao lado do edifício.

Eu fui embora. O pai passou a sair cada dia mais cedo e chegar toda noite mais tarde. Ela nem percebeu de tão compenetrada que ficava em parecer bonita, em demonstrar ordem. Lembro bem da última vez que estive no apartamento, fazia anos que ninguém parava para espiar, e a porta, um tanto amarelada, continuava escorada à parede. A mãe estava lá, sentada à mesa de jantar. Com um paninho de algodão branco ela limpava os anjinhos barrocos que, enfileirados na mesa, aguardavam a hora de perderem o pó. Todos olhando cuidadosamente para porta de entrada.
